

# Apresentação do Dossiê: “Território e neoliberalismo nas formações socioespaciais periféricas”

DOI: 10.54446/bcg.v13i2.3281

Silvana Cristina da Silva<sup>1</sup>

Tatiana Tramontani Ramos<sup>2</sup>

Glauco Bruce Rodrigues<sup>3</sup>

Os textos que compõem o presente dossiê têm origem no “II Seminário Internacional, Espaço urbano, pobreza e neoliberalismo: construção e reconstrução das práticas espaciais coletivas”, um evento construído em parceria com a Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos dos Goytacazes, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Universidade São Paulo – USP e Universidade de Los Lagos, que contou ainda com a presença de pesquisadores e pesquisadoras da Universidade Estadual Norte Fluminense, Darcy Ribeiro – UENF e Université Paris Nanterre. O evento incluiu também reuniões de grupos de pesquisa e trabalhos de campo ocorridos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e Campos dos Goytacazes no período de 11 a 17 de novembro de 2022. Esse conjunto de atividades deriva do estabelecimento de interações acadêmicas entre pesquisadoras e pesquisadores com o objetivo de refletir o tempo presente e as práticas de resistência e solidariedades coletivas, em face à fragmentação da cidadania territorial promovida pela *racionalidade neoliberal*.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos palestrantes e as palestrantes participantes das mesas que contribuíram com suas preciosas análises e reflexões, aos organizadores e organizadoras, aos docentes e discentes, aos servidores públicos que deram suporte às atividades e aos programas de Pós-graduação em Geografia (UFF-Campos) e em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (UFF-Campos) que, por meio dos projetos da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), co-financiaram as atividades. Agradecemos igualmente o Programa de Pós-

- 
- 1 Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. E-mail: [silvanasilva@id.uff.br](mailto:silvanasilva@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3422-6046>.
  - 2 Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Território e Conflitos Sociais. E-mail: [tatiana\\_tramontani@id.uff.br](mailto:tatiana_tramontani@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8550-2955>.
  - 3 Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Território e Conflitos Sociais. E-mail: [glauco\\_bruce@id.uff.br](mailto:glauco_bruce@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4876-3344>.

Graduação em Geografia da Unicamp, o Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo e a Universidade de Los Lagos também pelo cofinanciamento.

Os artigos do dossiê trazem elementos-chave para compreendermos o *modus operandi* do neoliberalismo nos territórios periféricos, em especial na América Latina. A edição inicia-se com o texto de Nilton Ota e Márcia Cunha, *Trajatória e formação de agenda de pesquisa sobre neoliberalismo: rede interdisciplinar de pesquisadores na USP*, onde é explicitado de maneira precisa o paradoxo da práxis da racionalidade neoliberal no Brasil, na qual o moderno convive e depende de relações de escravização do trabalhador. Para essa análise o autor e a autora retomam vertentes interpretativas das Ciências Sociais sobre a sociedade, em especial a *foucaultiana* e a *marxiana*, dando relevo aos processos de subjetivação na construção da sociedade. Nesse sentido, foi construída a Rede Interdisciplinar de pesquisadores na USP em 2014, atualmente com a parcerias de centros e pesquisadores internacionais, com uma agenda de trabalho associada às metamorfoses da racionalidade neoliberal em contexto periférico, que por sua vez vincula-se à “gestão diferencial dos tempos históricos” nos lugares.

Na sequência temos dois artigos dedicados à análise do campo brasileiro, onde é possível empirizar o “moderno” integrado ao trabalho escravo e a acumulação primitiva. Em, *O avanço do neoliberalismo no cerrado brasileiro diante dos conflitos socioambientais*, Débora Lima, Mariana Leal Conceição Nóbrega e Vicente Eudes Lemos Alves apresentam a atual dinâmica do cerrado brasileiro, especialmente do fragmento do centro-norte, visto como um grande “estoque de natureza” a ser apropriada e usada exclusivamente pelo capital de maneira predatória, expulsando as comunidades tradicionais. Esse processo foi pavimentado pelas políticas territoriais de expansão da fronteira agrícola pelo Estado, colocadas em ação principalmente a partir da década de 1970, tendo a soja como a *commodity*-chave para inserção do Brasil no mercado globalizado e a grilagem de terras públicas como outro fator indispensável para o “sucesso” dos empreendimentos, que ganham atualização com o *land grabbing*. A substituição do uso comunitário das terras das comunidades tradicionais pelo modelo de privatização das terras pelo agronegócio e o aumento dos conflitos socioambientais são as faces não publicizadas do agro que não é “pop” no Brasil, que são explicitados pelas autoras e pelo autor.

O texto *A agricultura digitalizada e as disparidades do campo brasileiro*, de Mait Bertollo, traz uma contundente radiografia da associação das *Big techs* e as corporações do agronegócio na ampliação do controle dos circuitos espaciais da produção agrícola no território brasileiro. De onde se apreende que se trata da expansão do controle dos sistemas alimentares por essas corporações. Desta forma, o embate entre agronegócio e a agricultura familiar ganha novos contornos com o adensamento da digitalização do campo.

A urbanização é analisada sob dois fenômenos distintos no dossiê, que expressam o urbano no território brasileiro no período contemporâneo: em *A geografia do endividamento: uma ritmanálise da precarização e da violência*, Flavia Elaine da Silva nos convida a refletir a violência por uma perspectiva menos usual, a

perspectiva do endividamento no sistema habitacional. A expansão do crédito imobiliário e a crise econômica e política recentes tiveram como desdobramento a intensificação dos ritmos de trabalho, especialmente para as mulheres, mais uma expressão das desigualdades, analisada pela autora por meio do endividamento imobiliário. Os elementos do neoliberalismo aparecem nas visões estabelecidas e naturalizadas sobre o fracasso daqueles que perdem seus imóveis, por não poder pagá-los. Para a compreensão dos ritmos da urbanização recente brasileira, a variável endividamento se impõe. Outro fenômeno que marca a urbanização brasileira na atualidade é analisado por Silvana Silva, no texto *Espaço urbano, neoliberalismo e igrejas evangélicas: um debate necessário*. A autora retoma os traços perversos que marcam essa urbanização e evidencia os nexos entre a modernização acelerada e adesão do Brasil à globalização e ao neoliberalismo. As periferias desprovidas da assistência das políticas públicas sociais e densas em presença de um Estado opressor trouxeram um amplo campo para ação das igrejas evangélicas, que cresceram aceleradamente, principalmente nas duas últimas décadas. Esse fenômeno modela o espaço urbano na atualidade e não pode ser negligenciado em razão da relação orgânica estabelecida entre as igrejas evangélicas no território e o neoliberalismo. Neoliberalismo entendido tanto como doutrina econômica-política como modo de subjetivação, cujas igrejas evangélicas pentecostais têm grande participação.

Por fim, o dossiê se encerra com dois textos que priorizam a análise da razão política. Glauco Bruce Rodrigues e Tatiana Tramontani Ramos, no texto *O Ornitorrinco 20 anos depois: o que passou?* recuperam o ensaio "O Ornitorrinco", do sociólogo Chico de Oliveira, publicado em 2003, como forma de atualização diagnóstica de nossa formação social. Vinte anos depois da avaliação crítica proposta por Chico de Oliveira, o artigo em tela faz o percurso de 2003 a 2023 tomando como ponto crítico os eventos de 2013, momento de ruptura entre dois períodos, ou conjunturas históricas, que estão intrinsecamente atreladas por uma estrutura incompleta, desforme e, por vezes, monstruosa, mas que se diferenciam em seus contextos específicos a partir de um acirramento da conflitividade social motivada fundamentalmente pela questão urbana (orçamento, habitação, trabalho e gestão da violência) e margens de ação das lutas sociais ante a ascensão e estabelecimento do bolsonarismo como nova forma de sociabilidade.

Na conferência proferida no seminário, *Soberania de Estado, Constitucionalismo e Democracia*, Pierre Dardot resgata os fundamentos da soberania e como esta tem vínculos com o constitucionalismo e a democracia. O autor destaca a instrumentalização dos sistemas normativos em favor dos interesses privados, o que acaba impondo cristalizando interesses independentemente das mudanças dos governos por meio dos *constitucionalismos*. Frequentemente esses constitucionalismos garantem a introjeção do direito privado e delimitam o campo do deliberável de forma apartada do regime político e/ou a orientação política do governo. No Chile, a Constituição de Pinochet, cujos princípios neoliberais foram instituídos, criou um sistema normativo que restringiu as possibilidades de mudanças de projetos de país nos governos que sucederam a ditadura. No Brasil, Emenda

Constitucional n.º 95, de 2016, também conhecida como a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos (congelava o orçamento do governo federal por 20 anos) impôs limites a um projeto de justiça social empreendido por governos de esquerda e priorizou os interesses do mercado, que passaram a ter garantias constitucionais.

Convidamos todas e todos à leitura e reflexão.

Campos dos Goytacazes, dezembro de 2023